



SESSÃO COORDENADA “HISTÓRIA E GÊNERO”

COORDENADORES:

MARIANA MOREIRA NETO, LIGIA CALADO DE MEDEIROS &
JÚLIA BENZAQUEN

A CONDIÇÃO FEMININA NO SÉCULO XIX EM “O PAPEL DE PAREDE AMARELO”

MAYARA MARQUES DE SANTANA¹¹²
UFMG
mayaraxmarques@hotmail.com

PALOMA MARIANO DUARTE¹¹³
UFMG
palomamengao@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a condição feminina no conto “The Yellow Wallpaper” (1892), da escritora Charlotte Perkins Gilman, a partir do contexto patriarcal do século XIX. Também será discutida a presença de elementos góticos e a influência da escrita de Poe (1809-1849), particularmente suas referências do grotesco e do arabesco contidas na obra de Gilman para ressaltar a opressão da mulher, e uma análise comparativa com a obra *Jane Eyre* (1847) de Brontë. Este texto utiliza-se dos aportes teóricos tais como Gibbs (1994), inspecionando a crítica da autora em relação à condição de repressão da mulher, e Stein (1983) para observar os aspectos góticos utilizados. Por fim buscou-se contribuir para uma reflexão sobre a situação opressiva que a mulher foi condicionada no contexto do conto.

Palavras-chaves: patriarcal; gótico; repressão; grotesco.

¹¹² Graduanda em Letras-Língua Inglesa pela Universidade Federal de Campina Grande-Cajazeiras.

¹¹³ Graduanda em Letras-Língua Inglesa pela Universidade Federal de Campina Grande-Cajazeiras.

INTRODUÇÃO

O conto “The Yellow Wallpaper” (1892) situa-se em um contexto social marcado pela repressão da mulher e a extrema valorização da figura masculina, nesse sentido a autora apresenta a opressão feminina em relação ao matrimônio, a sociedade e ao poder do homem. Observa-se que transparecem questões sociais da época vivida pela protagonista, em uma sociedade patriarcal onde mulheres, crianças, negros e escravos eram vistos apenas como objetos sem opinião própria. Gilman desenvolve em seu conto lutas internas de uma época onde a literatura era uma das únicas formas de liberdade para as mulheres.

Nas análises presentes neste trabalho serão apresentados traços de grande importância do gótico feminino que expressam o sofrimento das mulheres sobre a repressão patriarcal, que subseguem na loucura da mesma. Aprisionada em seus pensamentos e medos a personagem encontra na literatura e em sua própria loucura uma forma de libertação da vida imposta pelo marido e pela sociedade em vista de sua condição social considerada inferior ao homem. Em seu conto, Gilman faz uso de metáforas e simbolismos e traços sobrenaturais, como também de arranjos psicológicos para retratar de forma brilhante as provações sofridas pelo gênero feminino na luta pela igualdade de gênero.

CHARLOTTE PERKINS GILMAN: UMA MULHER SUBVERSIVA

A escritora americana Charlotte Perkins Gilman era conhecida como uma jornalista feminista que defendia os direitos das mulheres, ela nasceu em 1860, em Hartford, Connecticut, e escrevia sobre temas como justiça e desigualdade social, porém tinha como foco principal de escrita a luta das mulheres contra o aprisionamento dentro da sociedade e dentro do casamento. Em muitos de seus trabalhos como por exemplo *relativas às crianças* (1900), *The Home* (1904), e *o Trabalho Humano* (1904), *Mulheres e Economia* (1898), Gilman apresenta seu ponto de vista em relação a criação dos filhos e a condição da mulher, que está diretamente ligada as tarefas domésticas.

Na literatura, ela escreveu contos e histórias, porém sua obra de maior destaque foi o conto “The Yellow Wallpaper” escrito em 1892, que narra a vida de uma mulher aprisionada nos seus próprios pensamentos, que não é compreendida nem pelo marido e

nem pela sociedade. Este conto foi uma revolução para sua época, pois tratava em forma de sátira o tratamento do repouso, recomendado as mulheres com problemas psicológicos, além de traços da vida da autora, como por exemplo, o casamento mal sucedido, a depressão pós-parto, entre outras características comuns à vida das mulheres à época.

Gilman casou-se pela primeira vez em 1884 com Charles Walter Stetson, e tiveram uma filha, Katherine. Depois da maternidade Charlotte apresentou graves crises de depressão, sendo consultada por um médico chamado Dr. Weir Mitchell. Ela foi orientada a repousar por algum tempo até que se apresentassem melhoras, mas ela decide romper com o tratamento, e se mudar para a Califórnia, onde se separa do primeiro marido, e se casa com George Houghton Gilman. Em 1935, esses aspectos sobre da vida da autora foram descritos em sua autobiografia *The Living of Charlotte Perkins Gilman*.

A escritora publicou vários poemas, sempre abordando questões feministas, como a mulher ter direito ao voto, o aprisionamento das mulheres em relação ao casamento e as injustiças sofridas por elas. Ela apresenta isso em um dos seus romances intitulado *Herland* (1915), uma utopia feminista que obteve grande sucesso. Depois de se casar com George, seu primo, com quem viveu até sua morte 1934, ela foi diagnosticada com um câncer de mama e um ano depois da morte dele, cometeu suicídio.

O PAPEL SOCIAL DA MULHER: FEMINISMO E PATRIARCALISMO

Quando Gilman escreveu o conto “The Yellow Wallpaper”, os Estados Unidos passavam por mudanças importantes no processo de industrialização e aspectos sociais, incluindo questões voltadas ao papel social da mulher. Contudo nos séculos XVIII e início do século XIX, algumas mulheres não se limitavam apenas nos trabalhos domésticos, muitas delas trabalhavam, por exemplo, em lojas da família, ou em sua própria loja, principalmente mulheres de classe média. Outras de classe baixa trabalhavam em fazendas, e ainda como professoras, o que fomentou mais tarde com a criação de escolas para mulheres. No entanto, as mulheres ainda ficavam limitadas a cargos voltados para o lar, o que ainda era uma forma de restrição imposta pela sociedade patriarcal.

Em meio às lutas travadas pelas mulheres daquela época, cresceu a descentralização do homem, onde somente ele trabalhava, e mantinha cargos fora do eixo doméstico. Em reação à exclusão social feminina, surgiu o movimento feminista, caracterizado principalmente por debater sobre os papéis femininos e masculinos na sociedade, bem como sobre a subordinação da mulher no campo social, justificada pela questão sexual, em que se apropriam das diferenças biológicas para justificarem a inferioridade das mulheres, reduzindo-as apenas a tarefas ligadas a reprodução da família e os cuidados do lar.

Na Idade Média, no período Feudal, as mulheres tinham certa atuação na economia, mais estava voltado sempre para as questões domésticas, como por exemplo, bordar e trabalhar no tear, o que enriquecia a figura da mulher daquela época por ser considerada com muitas qualidades e digna de um marido rico e de grande ascensão social. Nesta época, existia uma hierarquia entre homem e mulher, um padrão escolhido e imposto pela sociedade masculina, onde reinava a opressão voltadas as mulheres e a imposição do casamento, dentre outras políticas de comportamento, portanto, o papel feminino limitava-se apenas a Mulher-Mãe-Esposa.

A religião também servia como apoio para justificar a subordinação da mulher perante o homem. Alguns trechos bíblicos apresentam Adão e Eva como casal modelo, logo foram utilizados como um dos meios para justificar a postura da mulher, sempre submissa ao homem, porque o castigo de Eva pelo pecado foi ser submissa ao marido. Assim como também, a divergência salarial insistia em diminuir o valor da mulher cada vez mais, pois elas mesmas trabalhavam com carga horária igual ou superior aos homens e eram mal remuneradas, e o trabalho exercido por elas tornou-se desvalorizado e com salários mais baixos.

Na sociedade patriarcal, a ideia de inferiorização da mulher a partir da reprodução biológica era muito utilizada, pois acreditavam que a mulher era biologicamente fragilizada e incapaz, por isso, elas eram excluídas da sociedade. Este modelo de família vem sendo desconstruído a partir das políticas de ascensão a mulher, e as oportunidades abertas para ela no mercado de trabalho. Alguns fatores contribuíram para o enfraquecimento da força do patriarcalismo, como por exemplo, os movimentos feministas, a inserção ao mercado de trabalho, os avanços na medicina que proporcionaram mais controle sobre a gravidez, e a rápida popularização das ideias.

Todavia, toda a desvalorização da mulher em diferentes aspectos, era tudo o que Charlotte Perkins Gilman não concordava, porém ela apresentou em suas obras críticas e sátiras em relação a essa sociedade opressora e patriarcal do século XIX, lutando ao lado do movimento feminista e das mulheres por direitos e por uma sociedade igualitária, utilizando assim de uma literatura gótica para expressar esses anseios.

A LITERATURA GÓTICA E A INFLUÊNCIA DE POE NA ESCRITA DE GILMAN

Nesse sentido, a literatura gótica desabrocha na Europa em meados do século XVIII. Na Inglaterra, quando o romancista inglês Horace Walpole (1717-1797) publica *O Castelo de Otranto* em 1764. A exploração de temas góticos, tais como, o conflito entre o bárbaro e o civilizado, a dissolução das fronteiras entre o eu e o outro, a interpretação entre o natural e o sobrenatural, a utilização dos motivos como o duplo, fantasmas, criaturas sobrenaturais, plano metafísico são presentes nesse estilo.

Além disso, as paisagens medievais e naturais ganham um grande significado nesse tipo de literatura, a exemplo de castelos, templos, florestas, mares, muitas vezes representando o desconhecido, o oculto conjuntamente com o viés religioso, com rituais nas florestas, nos quais o paganismo é notável, a exemplo de obras tais como: *A letra escarlate* (1850), *Drácula* (1897) e *Mobidick* (1851).

Assim, a literatura gótica é uma mistura do racional e emocional, do natural e artificial, da perfeição e imperfeição. Dessa maneira, esses aspectos como as sombras, o macabro, o obscuro e o sobrenatural agem de modo a envolver o público leitor em uma atmosfera de mistério, tensão e satisfação, pois incentiva a conhecer a outra face da vida, vencendo seus próprios limites, também aborda a tristeza e desilusões.

Portanto, pode-se compreender que o gótico liberta o público das amarras impostas pela sociedade, das amarras decorrentes do belo, da perfeição, do colorido, do harmonioso, logo funcionando como um movimento contra o racionalismo exacerbado. Entre outras linhas do gótico também, há “o gótico feminino”, definido por Stein (1983, p126): “The female Gothic may thus be seen as a version of the Gothic created by women

authors to explore formely unspeakable, “monstrous,” aspectros of women’s lives”¹¹⁴ e é exatamente o que Gilman realça em seu conto, denunciando a opressão feminina pelo patriarcado, sua submissão como gênero inferior, a incapacidade da mulher com escritora, como resultado do controle da sociedade patriarcal.

No gótico feminino, a viagem é um motivo que representa a viagem interior feminina. A literatura feminina utiliza-se desse elemento como metáfora, simbolizando a independência, a liberdade almejada pelas mulheres, uma vez que a mulher é vista como monstro por desafiar os preceitos da sociedade, por serem, por exemplo, escritoras que se rebelam por serem excluídas, buscando a verdade e que reagem contra a vida de submissão feminina. Outro elemento desta vertente é a mulher como louca. É através da loucura que ela reflete sua condição de aprisionamento, descobrindo sua subjetividade, por isso Stein (1983, p. 130) aponta: “Some female writers see madness as insightful, as a heroic inner journey, a way to integrate the self.”¹¹⁵ Assim elas tentam se reintegrar à sociedade, por meio da loucura buscando se libertar das amarras, ao refletirem sobre sua condição conseguindo assim descobrir seu eu escondido.

E assim, seguindo este estilo literário da psicologia do terror, um importante escritor americano ganhou grande destaque, Edgar Allan Poe (1809-1849). Os temas recorrentes de suas obras são a morte, o luto, o macabro, posicionando-se com seus romances sombrios a uma resposta contra transcendentalismo, movimento esse que qualificava autores como Walt Whitman (1819-1892), Hawthorne e Melville, pois foram chamados de transcendentalistas por conta do viés religioso, por vezes messiânicas de suas obras.

Aliás, muitos dos personagens de Poe sofrem de problemas psicológicos, e são maníacos, enlouquecidos, percebemos que essas características são refletidas na mulher do conto *The Yellow Paper*. Considera-se que essa obra tem influência do estilo de Poe, não somente a parte psicológica de Poe refletida na personagem, mas Gilman vai além na sua escrita quando insere o grotesco e o arabesco também característica da obra *Poe’s Tales of*

¹¹⁴O gótico feminino pode, assim, ser visto como uma versão do Gótico criado por autoras mulheres para explorar anteriormente o horrível, “mosntruoso”, “aspectos da vida das mulheres”. (Stein, 1983, p. 126, tradução nossa)

¹¹⁵Algumas escritoras femininas veem a loucura como perspicaz, como uma heróica jornada interior, uma maneira de integrar a si (STEIN, 1983, p. 130, tradução nossa)

the Grothescue and Arabesque (1840)¹¹⁶ tratando do padrão do papel de parede, no qual Poe relaciona a algo “estranhamente misto e fantástico”, assim de acordo com Davison (2004, p.64) “The arabesque designs are active symbols of Poe’s efforts to melt away the rigid pattern that is imposed by man’s reason” .¹¹⁷

Logo, são esses elementos que Gilman alcança no seu conto, questionando a sociedade patriarcal de forma simbólica, através dos arranjos ornamentais do papel de parede arabesco, que é algo grotesco na literatura, remetendo a idéia de uma câmera fotográfica, onde uma visão distante se mostra uma imagem bonita, mas de perto é algo conflituoso, perturbador, pinturas incongruentes, feias, bizarras com formas estranhas, obedecendo a um padrão geométrico, que significamente é feito por homens. E logo a cultura árabe é bastante representativa nesse conto, pois é totalmente repressora no modo como as mulheres são tratadas nessa sociedade, tornando-se uma referência pra Gilman para refletirem e criticarem a condição da mulher em mundo dominado por mentes masculinas.

A CONDIÇÃO FEMININA NO CONTO THE YELLOW WALLPAPER

O conto “The Yellow Wallpaper”, caracteriza-se como autobiográfico. Ele é narrado em primeira pessoa por uma narradora homodiegética, a qual observa-se que a sua perspectiva passa pela visão da própria narradora protagonista, atuando em uma posição de limitação e restrição de seus sentimentos, pensamentos e percepções. Assim, Reutes (2002, p.82) afirma que “essa instância narrativa não nos permite saber com certeza aquilo que se passa (ou se passou) na cabeça de outras personagens e restringe as mudanças de lugares ao trajeto de vida da personagem que narra”. A narradora é uma mulher inicialmente perturbada em decorrência de uma depressão pós-parto, e seu quadro evolui no decorrer da narração ao ponto da loucura. Ela escreve um diário secretamente, então não se identifica, pois é proibida de praticar atividades intelectuais.

Em relação à estrutura do texto, pode-se dizer que a forma interna se trata de um diário e sua forma externa é um conto. Percebe-se também que a escrita é fragmentada, induzindo ao leitor à personalidade desequilibrada da narradora e, intencionalmente, a

¹¹⁶ Conto do Grotesco e Arabesco de Poe (tradução nossa)

¹¹⁷Os desenhos de arabesco são símbolos ativos de esforços de Poe pra fundir o padrão rígido que é imposto pela razão do homem.” (DAVISON, 2004, p. 64, tradução nossa).

autora usa uma linguagem de diário, em razão de ser algo utilizado apenas por mulheres, sem credibilidade na literatura. Com tal característica, critica sutilmente a limitação da mulher em produzir textos literários.

A narrativa inicia-se com a exposição do pensamento da protagonista sobre o lugar que seu marido John escolheu para supostamente passarem o verão, junto com sua governanta Jennie, irmã de John. O lugar é descrito como estranho, uma mansão colonial de ar sombrio, remetendo a uma atmosfera obscura e desconhecida, aludindo ao gótico. A todo o momento, ela desconfia que existe algo oculto, porém seu marido não dar credibilidade aos seus sentimentos, por ser médico, e incrédulo naquilo que a ciência não pode comprovar. Logo, percebe-se que a narradora apresenta-se de modo irônico em relação a sua relação matrimonial “[...] I would say a haunted house and reach the height of romantic felicity- but that would be asking too much of fate!” (GILMAN, 1892, p. 1894)¹¹⁸ assim têm-se uma ironia verbal, pois a narradora tem consciência de sua ironia sobre a situação conjugal, pois ela não está feliz.

De acordo com Gibbs (1994 apud CONZ, 2010, p. 10) observa-se o estudo de três tipos de ironias, conhecidas como ironia verbal, situacional e dramática:

- (a) Ironia verbal é uma figura de linguagem na qual o falante intenciona ser entendido como falando alguma coisa que contrasta com o uso literal do que foi dito.
- (b) Ironia situacional resulta do reconhecimento de estranheza de uma dada situação, havendo discrepância entre o resultado do esperado e o resultado real.
- (c) Ironia dramática é quando há uma diferença de consciência entre a personagem de uma obra literária e seu leitor; quando as palavras e ações possuem significância que o leitor entende, mas não a personagem.

Além disso, em outro trecho, também encontram-se uma espécie de ironia dramática, referindo ao que o personagem está pensando, mas que o leitor já sabe, pois a personagem diz que está escrevendo em um papel morto, mas o leitor está tendo acesso a essa leitura “John is a physician, and perhaps- (I would not say it to a living soul, of course, but this is dead paper and a great relief o my mind)- perhaps that is one reason I do not get well faster.” (GILMAN, 1892, p. 1894)¹¹⁹

¹¹⁸ “[...]eu diria mesmo uma casa assombrada, e atinjo o auge da felicidade romântica — mas isso seria exigir demasiado do destino!” (GILMAN, 1892, p. 4, tradução de José Manuel Lopes)

¹¹⁹ “O John é médico e talvez (não o diria a ninguém, é claro, mas isto é papel morto e um grande alívio para o meu estado de espírito) — talvez seja essa uma razão para que eu não melhore mais rapidamente.” (GILMAN, 1892, p. 4, tradução de José Manuel Lopes)

Também observamos que ela escreve para distrair a mente, já que a mesma sofre com problemas mentais, isso é uma forma de expressar seus pensamentos, já que o marido ignora o que ela sente e também pode ser por isso que seu estado mental não melhora: ele a trata como uma criança e por ser médico, pensa ter o controle total da saúde de sua esposa.

Nota-se que a narradora é diagnosticada, pelo marido, com uma “leve histeria”, e historicamente a histeria e a depressão eram doenças comuns das mulheres no século XIX. Assim, ela é proibida de efetuar qualquer atividade que conduzisse a um cansaço da mente. Em vista disso, ela era proibida de escrever e questiona a insignificância que seu marido dar a doença, e também a autora indaga de forma mais ampla e profunda, o que se pode fazer em discordância a submissão da mulher. Gilman também está criticando a repressão na literatura feminina, pois as mulheres eram condicionadas a escreverem apenas em diários, pois suas escritas não eram valorizadas.

Portanto, observar-se que ela encontra voz no diário secreto, uma representação da mulher escritora e a repressão que a mesma sofria, relacionando com o contexto da mulher da época, que era oprimida pela sociedade patriarcal, condicionada a uma figura frágil, limitada e aos afazeres domésticos do casamento. Sua voz está sendo negada, mas isso tem um caráter subversivo, pois ela tem voz através da escrita, em contraposição ao marido que representa o vilão gótico, o qual polícia e a oprime, controlando a vida de sua esposa. Gilman inspirada na escrita de Poe, foca no aspecto sombrio, tratando a questão da opressão feminina como sujeito inferior em uma sociedade patriarcal. Ademais, a autora usa da verossimilhança para criticar o tipo de tratamento para a depressão existente nesse período, da cura pelo descanso.

Nessa obra, Gilman, critica a opressão da sociedade patriarcal do século XIX e, sobretudo o tratamento ineficaz imposto a mulher através da cura pelo descanso, direcionado para as mulheres que sofriam de problemas psicológicos, tais como histeria ou a depressão pós-parto, este último caracterizava a doença da protagonista, assim faz referência, de modo crítico, ao médico que cuidou do caso da autora e recomendou esse tratamento: “John says if I don’t pick up faster he shall send me to Weir Mitchell in the fall. But I don’t want to go there at all. I had a friend who was in his hands once, and she says he is just like John and my brother only more so!”¹²⁰(GILMAN, 1892, p. 1137).

¹²⁰“O John disse que, se eu não melhorar, me enviará para o Dr. Weir Mitchell no Outono. Mas eu não quero, de modo nenhum, ir para lá. Tive uma amiga que esteve, em tempos, nas suas mãos, e ela diz-me que

Também destaca-se um fator simbólico: a personagem principal não tem nome, ela escreve um diário, mas não se identifica, representando todas as mulheres anônimas que sofrem com a opressão do sistema patriarcado.

Aliás, no decorrer do desenvolvimento do enredo, a personagem principal vai mergulhando no seu estado de loucura, ficando em ambiente isolado em um quarto que lembra um berçário, isso sugere a maneira infantil de como ela era tratada, como uma criança que requer vigilância. Sendo que na verdade esse local é um antigo manicômio, onde ela é cercada de cuidados do marido e da governanta, e é nesse espaço que toda estória ganha sentido através da sua imaginação em relação a um papel de parede amarelo. E ela busca compreender por que o papel a perturba. O papel também é usado para esconder algo decadente, mas quando ela começa a olhá-lo de perto, vai se descobrindo.

Em vista disso, podemos relacionar o simbolismo da cor do papel a algo degradável, também luz que é a oposição da escuridão. Então a protagonista começa a refletir sua condição, a compreender a escuridão profunda que está inserida, de modo que o papel ajuda a entender sua vida, mas também a enlouquece de vez. Ela enxerga uma mulher presa, no papel, assim como o padrão da sociedade patriarcal prende a mulher, enclausura-a, não a deixa exprimir seus pensamentos, toda sua liberdade intelectual impedindo-a de escrever. Pode-se ainda inferir que a cor amarela é relacionada a Apolo, o deus das artes, do intelecto, da beleza e da razão, e é justamente a cor amarela que faz com que a personagem aprofunde-se em sua mente em busca da razão de sua prisão intelectual.

No caso da figura de John, ele representa o sistema patriarcal, assim como Jennie é o exemplo da mulher que aceita a condição de submissão, eles conspiram, sem maldade, pode-se dizer que contra a liberdade da narradora que percebe o que há nas entrelinhas das falas de ambos. Nota-se outra ironia verbal acerca de Jennie: “She is a perfect and enthusiastic housekeeper, and hopes for no better profession.”¹²¹(GILMAN, 1892, p. 1136). Constata-se a crítica que autora faz a posição de Jennie, como antagonista, visto que, sem perceber age como uma inimiga que a polícia, pois ela é uma mulher conformada, em contraste com a narradora que deseja liberdade.

ele é tal e qual como o John e como o meu irmão, só que ainda pior do que eles!”. (GILMAN, 1892, p. 16 tradução de José Manuel Lopes)

¹²¹ “Ela é uma dona de casa perfeita e entusiasmada, e não deseja outra profissão melhor.” (GILMAN, 1892, p. 15, tradução de José Manuel Lopes)

Com relação à questão de liberdade, há vários momentos que a narradora interrompe sua escrita, pois ela é controlada por John e Jennie para não refletir sobre sua situação. Também há um período da estória em que a narradora fica sem privacidade e interrompe sua escrita, e só volta a escrever depois que as visitas vão embora. É fundamental que se discuta a data que marca esse tempo de retorno da protagonista à escrita, visto que é feito de modo irônico, Gilman utiliza-se da ironia dramática: “Well, the Fourth of July is over! The people are all gone, and I am tired out.”¹²²(GILMAN, 1892, p. 1137), pois esse dia marca a independência dos Estados Unidos, 04 de Julho. Porém, é exatamente o que a narradora não tem, “independência”, ela anseia internamente por liberdade, representando a figura da mulher americana que está vivendo sem independência, totalmente dominada pelo patriarcalismo.

Observa-se nessa obra, a presença do gótico feminino, onde a figura feminina se comporta como mulher monstro, buscando a verdade, a mesma não se adapta à vida de submissão, ela foge das regras impostas pela sociedade. Têm-se também a perda da liberdade da heroína, que está condenada à morte em vida, enclausurada na mansão/manicômio alugada pelo marido. Assim como também o papel de parede torna-se um elemento gótico, o papel é o fantasma, porque fica assombrando a personagem, já que o fantasma não tem corpo, o papel é a tela, pela qual ela vê sua vida projetada, consiste em um símbolo inocente do lar, escondendo uma parede velha, e simbolicamente, ele oculta a condição da mulher, assim conduz a uma estética visão da mulher bela e do marido cuidadoso.

Ademais, percebe-se a presença da loucura como um dos elementos do conflito da literatura gótica feminina, pois a loucura traz iluminação para a mulher, uma vez que retrata um estágio de elevado grau de compreensão de sua realidade que não pode ser mudada, logo a loucura é entendida como o excesso máximo à subjetividade. De acordo com Stein (1983, p. 124)

These heroines experience madness as a stage on the journey toward self-knowledge. In these inner journeys – the female equivalent of the male adventure

¹²² “Bem, o Quatro de Julho acabou! As pessoas já se foram embora e eu estou exausta.” (GILMAN, 1892, p. 15, tradução de José Manuel Lopes)

– the heroines learn to identify with their hidden selves and to reaffirm the values which had previously been denied.¹²³.

Assim têm-se a protagonista com um nível intelectual elevado, aprisionada no patriarcalismo, sendo que ela só consegue a plena liberdade através da loucura, a qual representa sua liberdade, no sentido de descoberta da própria subjetividade, quando ela tem compreensão total sobre sua condição.

Vê-se assim, que no gótico feminino há a deformidade no pensamento da mulher, e pode-se também exemplificar com a personagem Bertha da obra *Jane Eyre*(1847), de Charlotte Brontë (1816-1855). Ela é uma mulher mestiça, louca, presa em um casamento de interesses, Bertha é selvagem, na obra, ela é tratada como um animal feroz, um contraste da protagonista Jane Eyre, que não exprime seus desejos ocultos, e Bertha se comporta como o outro de Jane Eyre, representando seus desejos sexuais reprimidos. Ainda comparando Bertha e a personagem de Gilman vê-se uma dupla representação do aprisionamento, a casa representa o aprisionamento paternalista, assim como a prisão do asilo, em ambas as obras.

Observa-se que Bertha é o outro, que vem de uma colônia, sendo explorada e aprisionada por seu marido, já a protagonista de *The Yellow Wallpaper*, está no início da sua loucura, e ela quem está contando sua história, onde sua cunhada Jennie, funciona como Grace Poole - que cuidava de Bertha- são mulheres que policiam as outras. Percebe-se similarmente, que os dois maridos são tratados como bons, em suas consciências pensam que o modo como tratavam suas esposas, era o melhor, vemos que Bertha não tem voz, Jane Eyre quem a descreve, porém, a loucura da personagem de Gilman tem voz através da escrita. Por sua vez, vê-se que no caso de Bertha, a mulher da colônia é a mais oprimida, pelo patriarcado e pelo imaginário colonial.

Aliás, a autora inglesa Charlotte Brontë, também explora com riqueza a condição da mulher do século XIX, quando através da personagem Jane Eyre, critica a sociedade que oprime e reprime a figura feminina:

Supõe-se que as mulheres são muito calmas em geral, mas elas sentem da mesma forma que os homens; precisam tanto do exercício para suas faculdades, e de um campo para seus esforços, quanto seus irmãos; sofrem com uma contenção

¹²³ Essas heroínas experimentam a loucura como uma etapa no caminho para a auto-conhecimento. Nestas jornadas internas - o equivalente feminino da aventura masculina - as heroínas aprendem a identificar-se com os seus próprios ocultos e para reafirmar os valores que anteriormente tinham sido negados. (tradução nossa)

demasiado rígida, uma estagnação demasiado absoluta, exatamente como os homens sofreriam; e é tacahez das criaturas irmãs mais privilegiadas dizer que elas devem limitar-se a fazer pudins e tricotar meias, a tocar piano e bordar mochilas. É impensado condená-las, ou rir delas, se buscam fazer mais ou aprender mais que o que os costumes decretam necessário para seu sexo. (BONTÉ, 1983, p. 101)

Este conto de Gilman explora com profundidade por meio de uma heroína gótica, a vitimização, o confinamento, o cerceamento da mulher como escritora, inclusive ela tem uma visão da maternidade e os afazeres domésticos como um impedimento para a escrita feminina, reforçado pelo sistema dominador que é do patriarcalismo. A autora enriquece a obra quando utiliza a estética do grotesco e do arabesco presentes na escrita de Poe (1840) através do padrão do papel de parede, o que provoca perturbação na protagonista, já que o grotesco traz a ideia de estranho, bizarro, incongruente. Ainda em relação a Poe, conhecido como o pai do simbolismo e da ficção, percebe-se a voz maníaca e enlouquecida da autora nos personagens de Poe.

Portanto, percebe-se que o grotesco é apresentado pelos arranjos ornamentais do arabesco contido no papel de parede, assim sobre esta forma desconcertante Wolfgang Kayser (1964, p.229 *apud* BATALHA 2008, p. 184) assinala “[...] as representações do grotesco constituem a oposição mais evidente a qualquer espécie de racionalismo e qualquer sistemática do pensar”. Dessa forma, vê-se a personagem incomodada pelo padrão do papel “I can almost fancy radiation after all- the interminable grotesque seems to form round a common center and rush off in headlong plunges of equal distraction.”¹²⁴(GILMAN, 1892, P. 1138). Pode-se verificar que a mulher do conto fica perturbada pelo padrão do papel, pois ele é repetido e sem fim, pois o arabesco extrapola os limites da parede, provocando a angústia do infinito, e essa instabilidade reflete o padrão da vida dela, representando a vida das mulheres, intermináveis, sem começo e nem fim, a protagonista fica procurando o fim do desenho, mas não encontra.

No que diz respeito à estética do arabesco é exatamente assim, os desenhos são em formas de galhos intermináveis, um padrão repetido, porém o que há de mais interessante é a origem da produção desse padrão, pois é feita somente por homens, e é onde a escritora

¹²⁴“(...) quase posso imaginar um padrão de irradiação, apesar de tudo — esses grotescos desenhos intermináveis parecem formar-se em torno de um centro comum para depois se precipitarem em grandes mergulhos de cabeça, de igual distração.” (GILMAN, 1892 p. 18, tradução de José Manuel Lopes)

consegue tocar no ponto crucial do seu conto, pois esse padrão reflete uma cultura estrangeira que subjuga e oprime a classe feminina, a cultura árabe. Por essa arte ser produzida por homens, têm-se um sentido da posição da mulher, Gilman usa uma linguagem verbal e imagética, para mostrar que são os homens que repetem o padrão da vida das mulheres.

Constata-se que o arabesco é uma forma de arte árabe, o qual também reflete a visão teológica do mundo árabe, de não fazer imagem, principalmente formas humanas, agindo de acordo com seus princípios religiosos. Assim têm-se, a significância religiosa do papel de parede, representando o padrão religioso das leis islâmicas, o qual a autora afunila mais ainda sua crítica, pois quem determina o padrão de educação das mulheres islâmicas são os homens, influenciados pelos princípios do Alcorão. Assim vê-se a beleza crítica da obra, pois ela está questionando o padrão religioso e também o papel de gênero. O arabesco é totalmente racional, o qual obedece ao padrão geométrico e matemático, é nesse sentido que a escritora questiona o padrão de tratamento das mulheres, da razão.

Esse modelo estético do arabesco também representa o desconhecido, o que não é familiar na cultura outremizada, torna-se monstruoso, isso remete ao gótico imperial, pois a verdadeira natureza do arabesco é algo monstruoso, com formas fantasmagóricas. Como é enfatizado por Wolfgang Kayser (1964, p.68 *apud* BATALHA, 2008, p. 184)

Nenhum feito sublime em si mesmo ou nenhum feito grotesco em si mesmo são suficientes para formar um todo “belo” ou “dramático”, mas é no grotesco que existe justamente o contraste indissolúvel, sinistro, e que não deveria existir. A percepção e a revelação de semelhante simultaneidade incompatível têm um aspecto diabólico, pois semelhante procedimento destrói as ordens e abre um abismo onde pensávamos avançar com segurança.

Em vista disso, considera-se o grotesco uma categoria da filosofia, a oposição do belo e o feio, onde por meio do papel de parede e a riqueza de detalhe contido no mesmo, compreende-se que o simples extrapola o profundo. Diante disso, observa-se que esse papel de parede faz com que a mulher do conto viaje para dentro de si mesma, de modo que a autora antecipa a psicologia moderna, mostrando que há lucidez na loucura, descobrindo sua subjetividade. No desfecho do conto, a mulher enlouquece totalmente, e rasga o papel libertando a mulher que estava presa nele, porém ela é vitoriosa no final, mostrando que John estava errado, por ser médico e não curá-la, e antecipadamente ela já sabia sua cura e de forma considerável, a voz que resisti até o fim é a dela. John desmaia ao ver seu estado rastejante e totalmente louca: “Now why should that man have fainted?”

But he did, and right across my path by the wall, so that I had to creep over him every time!”¹²⁵(GILMAN, 1892, p. 1149).

Por fim, ela se liberta da prisão da mente, olha com superioridade para aqueles que lhe aprisionaram em si mesma, descobre sua subjetividade, visto que antes não entendia sua condição, ela não concordava, mas não tinha consciência de sua situação de prisioneira. No desenvolvimento da sua loucura, ela vai tomando consciência e tornando-se sã, em oposição da “antagonista”, Jennie, que ao termino da narrativa continua aprisionada e não descobre sua subjetividade.

CONCLUSÃO

Em suma foi discutido nesse estudo, o tom irônico da autora, onde podemos destacar dois tipos de ironia: a ironia dramática e a ironia verbal. Somando-se a isso de forma mais abrangente, foram analisados os aspectos do gótico feminino, o qual destaca-se que a loucura é um motivo literário do gótico, e é através desse elemento que a protagonista reflete sobre sua condição, tentando buscar a verdade, a partir do papel de parede amarelo. Observa-se que o papel de parede funciona como uma espécie de projetor da vida da personagem, no qual ela enxerga uma mulher presa no papel até chegar ao ponto de identificar-se com aquela situação, pois representava sua condição dentro do casamento e, também de modo amplo, dentro da sociedade patriarcalista.

Assim, a autora utiliza dessa obra para expor e denunciar a condição de submissão da mulher, de modo que Gilman situa sua vida particular com a vida da protagonista, revelando a repressão que a mulher do século XIX ainda sofria, devido a uma sociedade patriarcalista. Também foram destacados a influência da escrita de Poe nessa obra, com seus estudos do grotesco e do arabesco, vê-se a forma profunda com que Gilman aborda sua crítica feminista, ao usar o padrão árabe do papel de parede, significando o padrão da sociedade patriarcal, observamos então que de forma harmoniosa, ela excede o simples para atingir o profundo.

¹²⁵ “Agora digam-me, por que razão teria aquele homem desmaiado? Mas é que desmaiou mesmo, e logo no meu caminho, junto à parede, de modo que tinha sempre que rastejar por cima dele.” (GILMAN, 1892 p. 19 tradução de José Manuel Lopes)

REFERÊNCIAS

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Livraria Francisco Alves editora s/a. Rio de Janeiro — RJ, 1983.

DAVISON, Carol Margaret. Haunted House/Haunted Heroine: Female Gothic Closets in “The Yellow Wallpaper”. In: **Women’s Studies**, 33:47–75, 2004.

GIBBS, R.W. The poetics of mind: figurative thought, language and understanding. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. In: CONZ, Jaqueline. **Ironia e verbal: Teorias e Considerações**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Acesso em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream_id/66571/000775562.pdf

GILMAN, Charlotte Perkins. **The Yellow Wallpaper**. 1892.

KAYSER, W. Lo grotesco: suconfiguración en pintura y literatura. Traducción directa do alemán por Ilse M. de Brugger. Buenos Aires: Nova, 1964. In: BATALHA, Maria Cristina. **O grotesco entre o informe e o disforme, um possível sentido**. Itinerários: Revista de Literatura. Rio de Janeiro, 2008.

LOPES, José Manuel. O Papel de Parede Amarelo, Charlotte Perkins Gilman. Babilónia - **Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução**, [S.l.], n. 04, dec. 2010. ISSN 1646-3730. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/babilonia/article/view/1741>>. Acesso em: 04 maio. 2017.

REUSTES, Yves. **A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração**. Tradução Maria Pontes. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

STEIN, Karen F. Monsters and madwomen: changing female gothic. In: FLEENOR, Juliann E. **The female Gothic**. Montreal – London: Eden Press, 1983.

ZABEL, Morton Dauwen. A arte da ficção nos Estados Unidos. In: **Contos norte-americanos: os clássicos**. Rio de Janeiro: Ediouro. P. 8-20.